



TRAÇANDO ROTAS DE LEITURA:
UM MAPEAMENTO DA PROSA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA¹

Stefania Chiarelli

Universidade Federal Fluminense

Resumo: O trabalho propõe o mapeamento da prosa brasileira a partir de um recorte temporal que abarca o século XXI, avaliando, no conjunto de textos das literaturas do tempo presente, autores, obras, temas e contextos de produção específicos, no intuito de traçar um possível panorama da produção da literatura recente.

Palavras-chave: Prosa Brasileira; Contemporâneo; Panorama.

Abstract: The work proposes the mapping of Brazilian prose from a time frame that encompasses the 21st century, evaluating, in the set of texts from the literature of the present time, authors, works, themes and specific contexts of production, with the aim of outlining a possible panorama of the production of recent literature.

Keywords: Brazilian Prose; Contemporary; Panorama.

¹ Uma versão em espanhol deste texto foi publicada no número 313 da Revista *Casa de Las Américas* (Cuba), em fevereiro de 2023. Escrito para integrar o dossiê “Vozes do Brasil”, o ensaio foi traduzido por Jorge Fornet, editor da publicação.

Há pouco mais de dez anos concluí a organização, junto a Giovanna Dealtry e Paloma Vidal, do volume *O Futuro Pelo Retrovisor: ensaios sobre literatura brasileira contemporânea*. Naquele momento, tendo a experiência de quase uma década na área, discutíamos os caminhos da prosa de ficção literária brasileira do início de século XXI. Os ensaios reunidos - de autoria de pesquisadores e pesquisadoras atuando em diferentes instituições - destacavam o esgotamento de certas heranças da modernidade e observavam novos modos de apropriação do passado, se debruçando sobre autores cuja obra já era reconhecida, como Sérgio Sant'Anna, Rubens Figueiredo e Milton Hatoum e criadores que se consolidavam como novas vozes, a exemplo de Michel Laub, Adriana Lunardi e Carola Saavedra, entre outros. Pensando o próprio lugar da crítica literária, a coletânea destacava algumas vertentes da produção ficcional e identificava possibilidades de representação em torno do gesto de releitura.

Uma década passou. Com ela, o cenário da literatura brasileira contemporânea se alterou significativamente. Um futuro provisório irrompeu, trazendo uma série de modificações e levando à óbvia constatação de que o trabalho com textos recentes ou produzidos nos últimos anos exige o gesto de recalculiar rotas de leitura e aproximação. O mapa é instável; os caminhos se bifurcam. Ler o contemporâneo exige fôlego e flexibilidade, em um constante repensar os próprios passos. Faz-se necessário, de novo, atualizar o olhar.

No que se refere à circulação, assistimos à perda gradativa dos espaços destinados à crítica e à reflexão sobre literatura nos meios de comunicação impressa, obrigada a se reinventar diante da chegada de novas tecnologias e da expansão da informação para outras plataformas e suportes. Morreram antigas práticas, outras nasceram. A literatura deslizou para diversos lugares (redes sociais, *sites*, *blogs*) e atingiu distintos públicos, se adaptando a novas contingências. Por outro lado, feiras e festas literárias proliferaram de norte a sul do país, dando a conhecer outras perspectivas das produções locais e alterando as formas de perceber o que seria a chamada literatura brasileira: elas são muitas e variadas.

Ao vislumbrar hoje algumas das obras mais significativas publicadas no período dos últimos dez anos no Brasil, teríamos uma fotografia – parcial, como todo recorte – em cores

mais vibrantes do que aquelas vistas no passado recente.

As lutas e a casa

Um primeiro movimento seria delinear linhas de força nesse conjunto de vasta heterogeneidade temática. Certamente a grande virada da década foi a consolidação da autoria feminina na produção ficcional brasileira. Não se pode esquecer que o cânone literário é branco e masculino. Diante disso, o apropriar-se da voz feminina seria buscar falar sem as mediações tradicionais que conformaram o discurso e produzir uma obra que se desloque do cânone, conforme sustenta a crítica Beatriz Resende (*apud* Lisboa, 2008, p. 141). Cabe hoje pensar na produção desses novos modelos, em que as mulheres tomam posse da língua, como defende a teórica Hélène Cixous, roubando-a para reinventá-la a partir de sua própria escrita, escapando, assim, do lugar de silêncio que lhes foi reservado (Cixous, 2022, p. 66).

Com a expressiva publicação de títulos assinados por mulheres, abriu-se uma enorme janela para temas e questões ligadas ao feminino, com desdobramentos para as questões de gênero, classe e raça. Desse modo, brotaram dessas páginas figurações mais complexas da maternidade, do envelhecimento, do erotismo, do luto, do racismo, transfigurados pela perspectiva de mulheres indígenas, mulheres negras, mulheres trans. Tudo isso matizou nosso olhar no sentido de perceber representações menos estereotipadas do feminino, na recusa de um suposto universal. São muitas as formas de representar o feminino, seja na perspectiva de autoras cuja obra se firmou há muitos anos, como Conceição Evaristo e Patrícia Melo, ou no surgimento de novos nomes, a exemplo de Eliana Alves Cruz e Micheliny Verunschik.

Nessa linguagem que exprime uma visão particular da sociedade, cabe destacar a presença de romances em que comparece uma matriz genealógica feminina, cuja escrita encena rupturas geracionais ao investigar formas de integrar o espaço da intimidade. Depositária da memória, a figura da mãe, nesse contexto, concentra as informações que correm nas veias familiares. Nelas, o sangue é muitas vezes literal e vai manchar muitas trajetórias em que os ciclos de violência atingem sucessivas gerações.

Como em *Uma Exposição* (2021), da escritora catarinense Ieda Magri (1975), marcado pela evocação da matriz familiar e a ligação com os ciclos de uma realidade camponesa ao sul do Brasil. Nele, uma mulher de quarenta anos volta à casa da infância para participar de uma grande celebração que acontecerá em torno da morte de um boi. Ela escreve, se expõe, na tentativa de compor esse retrato quebrado da casa da infância, lugar de intensidades e contradições. Como o pai, um homem que sente compaixão pelo boi, mas o mata com facadas certeiras, trazendo a morte nas mãos. Ou a figura materna, na relação em que amor e dor convivem em uma esgrima infinita - a mãe é quem cuida, ajudando a respirar, mas não oferece colo: “A asma a obrigava a me amar, a asma a punia por não me amar sempre assim!” (Magri, 2021, p. 34). Um mundo rude é narrado, de veias, tripas e vísceras. A narrativa exala esse cheiro de sangue vivo, tanto dos inúmeros animais abatidos, quanto do líquido espesso a correr nas artérias familiares, a um só tempo irmanando e envenenando o grupo.

Também em *Corpo Desfeito* (2022), de Jarid Arraes (1991), ambientado na região cearense do Cariri, Amanda, de doze anos, vivencia um drama diário. Após a morte da mãe, vive sob a guarda da avó, em uma crescente situação de abusos e ameaças. A poeta e cordelista cearense narra um universo de mulheres que se movem entre janelas fechadas e dores engolidas. Dona Marlene é uma avó rígida que agudiza sua dureza com a neta a partir da morte da filha Fabiana.

A trama se passa em uma localidade marcada por intensa religiosidade popular, presente nas romarias e crenças arraigadas em torno da figura de Padre Cícero. Nesse contexto, a avó encomenda uma estátua a um santeiro, exigindo que fosse idêntica à filha morta, associando a ela santidade e pureza. A pequena casa vira então cenário de uma encenação macabra, tendo como palco o quarto de reza, espaço da loucura da matriarca, que julga homenagear a morta inspirada por mensagens recebidas em sonho.

Desfeito de tanto chorar, o corpo da menina sofre, já que a avó se dedica a disciplinar a neta, proibindo qualquer forma de vaidade e culminando na violência física: “E vó sabia quando parar. Deixava o tempo exato para que eu me recuperasse e conseguisse me

aprumar e fingir pelos dias seguintes, quando minhas pernas estariam cobertas pela farda” (Arraes, 2022, p. 44).

Arraes faz parte de uma geração de autores em cuja prosa se faz presente a temática social aliada a uma determinada geografia do nordeste brasileiro. Trata-se de escritos que nos falam de contrastes e tensões entre o campo e a cidade; de um lado, o interior impregnado de referências marcadas pela religiosidade sertaneja e por matrizes culturais em constante entrecruzamento, entre preces e conhecimentos tradicionais; de outro, as garras predatórias do dito progresso, como as antenas parabólicas capturando um universo alheio a invadir os pobres casebres. Os personagens se equilibram entre temporalidades e espaços superpostos, entre um mundo que já não é e outro ao qual pertencem lateralmente.

Na literatura brasileira contemporânea, a cidade pequena há muito já não é lida na chave do bucolismo, do lugar ameno de paz duradoura. A recusa de uma visão essencialista da pureza vinculada a esses espaços pode ser encontrada em uma linhagem literária de autores e autoras cuja prosa se equilibra entre uma ambientação sertaneja e a esfera urbana, a exemplo dos contos de *Faca* (2003), de Ronaldo Correia de Brito, além de romances recentes como *A Cabeça do Santo* (2014), de Socorro Acioli. A suposta essência de um Brasil profundo e de raízes autênticas tampouco será encontrada no Cariri. Ali se faz presente a tensão entre passado e presente sem qualquer promessa de apaziguamento.

É possível identificar tal tendência na prosa de *Dilúvio das Almas* (2022), em que o então monge beneditino Tito Leite (1972) narra a trajetória do migrante Leonardo. Perdido pelas esquinas de São Paulo, o personagem experimenta na pele a dor da invisibilidade e da exclusão na capital paulista, já que integra o grupo dos indesejados que estão ali para construir a riqueza dos outros: “Eram poucos os que davam atenção ou mesmo notavam que eu estava presente. Afinal, eu era apenas um baiano. Aqui eles chamam todos os nordestinos de baianos. Uma vez escreveram no muro de uma construção *Vamos colocar os baianos no pau de arara*. Não era do caminhão que estavam falando” (Leite, 2022, p. 14).

O embate direto com uma realidade brutal movimenta seu desejo de retorno à terra natal, que se revela uma integração ao avesso. O narrador e protagonista encontra na lavoura

dos donos do poder a imagem dilacerante do sertão contemporâneo, em que a cidade do interior não é idílica, mas marcada por antigas práticas de dominação e coronelismo. “Eu era um corpo, e a vida, uma ferida aberta” (*idem*, p. 23).

Em outro tipo de abordagem da intimidade doméstica, nos deparamos com a obra do escritor paulista João Anzanello Carrascoza (1962), cujo projeto literário passa pela visitação do núcleo familiar, como nos volumes de contos *Aquela  gua Toda* (2018), em que infância e memória se entrelaçam com raro apuro est tico, e *Tramas de Meninos* (2021), em que o espaço da casa encena sentimentos contraditórios: mães, pais, filhos e toda uma família estendida dominam essas histórias ambientadas no universo de uma certa classe média brasileira, lugar de solidões, ausências e amores mínimos.

ele se lembrava de quando brincava com as mãos do pai, o dedo correndo por aqueles sulcos que nelas a enxada tinha lavrado, o pai quem degolava os frangos, quem matava os leitões, quem fatiava a carne, o pai quem batia a massa quando a mãe queria assar um pão mais leve, o pai o menos faminto, o que se bastava com quase nada, o canto dos sabi s   janela e os filhos ao redor com suas d vidas todas, e o pai   espera de que as desenovelassem, pronto pra devolver a situa o já analisada, o pai era do ato, não só da prece,   prece o pai somava os p s mesmo se descalços, nada vai pra frente, filho, sem a sua própria providência, e ele queria mais detalhes. (Carrascoza, 2021, p. 50)

Em consonância com uma escrita com forte inclina o para a visita o da intimidade, constatada na prolifera o de biografias, diários, cartas, relatos e memórias, outra linha de força se faz ver na narrativa do luto. Em um cenário de pós-pandemia e confrontos bélicos por todo o planeta, a literatura brasileira também procurou respostas para as dores pessoais e as perdas coletivas. Esses textos de tom marcadamente confessional têm encontrado forte ressonância, como demonstram *Lili, Novela de um Luto* (2021), da paulista Noemi Jaffe (1961), em torno da perda da mãe, sobrevivente do genocídio judaico, assim como *As Pequenas Chances* (2023), da paulista Natalia Timerman (1981), que retoma a morte do pai, além do ensaio autobiográfico *Todo o tempo que Existe* (2022), da carioca Adriana Lisboa (1970). Em comum, o intenso entrelaçamento entre vida e obra, em narrativas que partem da esfera do vivido, transfigurando em linguagem as formas de dizer a ausência. Em Lisboa:

O que digo e o que não digo sobre os meus pais. O que esqueço e o que não esqueço dos meus pais. O que nunca soube deles. O que meu filho nunca saberá de mim. O que ele sabe, mas que um dia fatalmente acabará esquecendo. Este texto sendo assimilado pelo grande falatório do mundo, mais um texto, só mais um, e em algum momento se extinguindo por completo. Esquecido, anulado. Abandonado. Não acho a ideia ruim – muito pelo contrário. Existe liberdade no esquecimento (Lisboa, 2021, p. 100)

Sobre a escrita que busca recuperar traumas coletivos, em vínculo estreito com a dimensão ética da memória, também se fazem presentes romances que assumem o compromisso de reelaborar as cicatrizes da ditadura, tomando para si a tarefa de narrar o horror de governos autoritários, como se pode ler no contundente *Mar Azul* (2012), romance da argentina Paloma Vidal (1975), em uma prosa que transita entre as paisagens de Brasil e Argentina e a repressão política, por meio de uma narradora idosa cujo presente traz ecos de uma juventude atravessada pela brutalidade do regime militar e do desaparecimento da melhor amiga:

Tento me lembrar se Vicky soube daquela conversa. Ou se guardei isso dela para que não duvidasse de que foi por ela que sobrevivi” (...) Quando escrevo isso é grande meu desamparo. Houve algo que não fiz para que ela sobrevivesse? Creio que a pergunta, que me parece tão imprescindível neste momento, era impensável então. Tínhamos medo. Pensávamos no pior, às vezes. Mas Vicky era quem nos estava salvando. (...) Talvez eu sinta mais inveja do que culpa. Sua vida foi curta e arrebatada. O que sei é que até o dia de hoje seu sorriso me faz falta. (Vidal, 2012, p. 141)

Tais lembranças também surgem na prosa fluida do amazonense Milton Hatoum (1952) na trilogia *O Lugar Mais Sombrio*, iniciado com o romance de formação *A Noite da Espera* (2017), ao que se seguiu *Pontos de Fuga* (2019), romances transcorridos em uma geografia que inclui Paris, Brasília e São Paulo. Anotações, cartas e relatos variados formam um desenho que entrelaça arte, política e ideologia, em que o memorialismo hatoumiano dá a ver os sonhos e desilusões do protagonista Martim, que anota: “Talvez o esquecimento seja mesmo uma das formas da memória” (Hatoum, 2019, p. 310).

É igualmente a dura luta nos anos de chumbo a matéria prima de *O Corpo Interminável* (2019), de Claudia Lage (1979), um mergulho fundo nos traumas da nossa

história coletiva. Construída a partir de uma linguagem que investiga os limites da pele, a narrativa dá protagonismo aos corpos femininos e às múltiplas formas de inserção nos movimentos de resistência: “No final de toda essa merda não quero ser a pessoa que contempla, quero ser a pessoa que combate o que vem nos destruir, que quebra, arrebenta” (Lage, 2019, p. 78), sustenta Melina, uma das narradoras e protagonista do romance da escritora carioca.

Outros diálogos

O passado como possibilidade de reinvenção configura uma outra vertente na literatura nacional, sobretudo aquela de caráter metanarrativo, em que a criação é fruto de leituras e reescrituras. São textos que remetem a outras obras ou ficcionalizam personagens reais, entrecruzando tempos e espaços, como *Pagu no Metrô* (2021), de Adriana Armony (1969), em que a autora carioca escreve um relato autoficcional para compreender o ano em que a escritora modernista Patrícia Galvão, a Pagu, viveu na França nos anos 1930.

Uma literatura sobre a literatura, como a proposta de *Homem de Papel* (2022), do escritor potiguar João Almino (1950), em que o personagem machadiano Conselheiro Aires, diplomata aposentado, salta das páginas do autor de *Memorial de Aires* (1908) e chega ao século XXI para transitar por ruas de Brasília e do Rio de Janeiro, instaurando um jogo entre a última narrativa machadiana e temas e situações do Brasil contemporâneo. Ou ainda o conto “Macabéa, flor de mulungu” (2012), em que a protagonista de *A Hora da Estrela* (1977), de Clarice Lispector, renasce na pena de Conceição Evaristo (1946) para reafirmar a força ancestral da cultura negra: “(...) Macabéa, a Flor de mulungu, sou eu. Tal é a minha parença-mulher com ela. Repito, sou eu e são todos os meus” (Evaristo, 2023, p. 11)

Além da produção literária marcada pela estreita relação entre criação e citação, a literatura brasileira atual passa pela necessária incorporação do pensamento indígena, buscando dialogar com outras formas de interpretação do mundo, como se constata na receptividade ao pensamento do ativista e escritor indígena Ailton Krenak (1953). Diante da constatação de que vivemos um momento crítico em relação ao planeta e à natureza, da constante queda que vive a humanidade, Krenak imagina formas de protelar a finitude,

sustentando a importância de enriquecer nossa subjetividade a partir da capacidade de inventar, da força de “sempre poder contar uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim” (Krenak, 2020, p. 27).

Para prorrogar os sucessivos términos, seria urgente fabular outros mundos possíveis, inclusive criando narrativas com a proposta de questionar as relações entre o humano e o não humano, desconstruindo hierarquias e retirando o ser humano como medida de todas as coisas.

Considerando o abalo dessa mirada antropocêntrica, são convocadas perspectivas inusitadas para narrar, como o rio Isar, de *O Som do Rugido da Onça* (2021). O romance de Micheline Verunschik (1972) traz não somente o relato em primeira pessoa de um rio-mulher, como também o olhar de diferentes sujeitos da História - o indígena, a natureza, a criança e o cientista se expressam, possibilitando a leitura de acontecimentos reais por múltiplos pontos de vista para pensar os ecos da violência histórica contra os povos originários do Brasil.

Na obra, a escritora pernambucana ficcionaliza a história real de oito crianças indígenas raptadas na Amazônia no século XIX e levadas para a Alemanha por dois naturalistas estrangeiros: Karl Friedrich von Martius, botânico alemão que junto ao zoólogo Johann Baptist von Spix veio ao país em 1817. Após retornar à Europa, Martius publicou seu relato das viagens.

Uma delas, Iñe-e, do povo miranha, é uma menina de doze anos. Quando pequena, se desgarrava da companhia das mulheres da tribo por horas e depois é encontrada à margem do rio, ao lado de uma grande onça, que ficara sentada a seu lado “como quem espera, como quem vela, tendo deixado a criança intacta e segura até a chegada do seu povo, quando então foi embora” (Verunschik, 2021, p. 18). Ela tinha sido encantada pelo animal, e agora é uma menina-onça. Tempos depois, o pai, aculturado, entrega a filha como presente aos viajantes europeus por acreditar que a proximidade com o felino era sinal de maldição. Iñe-e é destruída pelo projeto de morte dos cientistas alemães e seu extermínio culmina na morte física na Alemanha.

Se morrer é somente “uma parte muito pequena daquilo tudo” (id., p. 12), o entendimento da passagem do tempo e da finitude se dará por outra via, em que a linha temporal se distende, conectando passados e futuros. Nesse momento, é imperativo lembrar. O não esquecimento equivale a estar vigilante diante da ameaça constante, pois o passado pode retornar não somente como violência persistente, mas também como resposta efetiva do oprimido.

O ato final de revide do romance nos coloca diante de uma cena violenta de ataque, em que a personagem viaja no espaço, se desloca para a Alemanha e extermina seu algoz. É possível considerar que alguma coisa na prosa brasileira atual se movimenta, no gesto de recusa de uma conciliação pacífica: uma insurgência na forma de mordida que se crava no agressor. Verunschik dá centralidade a uma personagem massacrada historicamente, que na força desse devir animal narra sua disposição para a luta, “incansável, treinada na prontidão, sem esquecer jamais” (id., 153).

Já viu como é que onça morde? [...] Quando chega no osso, aí é que ela aperta mais, e os dentes muito dos perfuradores vão nesse trabalho até alcançar os miolos, quebrando os ossos como se quebra um coco ou uma cabaça ao meio. É forte, viu?, a mordida da Dona. (Verunschik, 2021, p. 123).

O acerto de contas remete à vigilância, como sugere a postura da onça, para que o passado não retorne como violência persistente. Vale pensar nesses polos da vigilância e da ferocidade, visíveis em uma revanche que vem pela boca, de dentes afiados que se postam diante de nós. Por vezes, a reação não se dá apenas no âmbito individual, mas na esfera da coletividade, em que novos sujeitos políticos se articulam no sentido de construir formas de vida mais justas.

A reivindicação de uma outra história surge também no gesto final do romance *Por Cima do Mar* (2018), de Deborah Dornellas (1959), em que, após sofrer inúmeras formas de opressão, a protagonista Lígia Vitalina da Conceição Brasil segue adiante, engendrando uma nova maneira de lidar com suas heranças e memórias. Não mais a subordinação imposta aos antepassados escravizados, mas uma forma de proteção na reação: “Eu me

chamo Lígia, e meu nome é escudo” (Dornellas, 2018, p. 223).

Nesse romance, os corpos negros narram a memória do silêncio, da escravidão e da morte e suas ressonâncias na periferia de uma Brasília contemporânea. De Angola partem os antepassados da protagonista-narradora, inaugurando uma linhagem feminina marcada pelo racismo. Filha de empregada doméstica, a jovem vive na cidade construída pelas mãos de outro migrante, seu pai, vindo do Ceará. A vida na capital do país - inaugurada em 1960 como grande aposta no futuro e no progresso - indica que o projeto moderno segue se sustentando sobre violências históricas.

A cidade-monumento expulsa de seu núcleo de poder aqueles que a ergueram com o próprio suor, caso da família da personagem, instalada na periferia urbana. A Universidade de Brasília é a materialização dessa exclusão, lugar em que Lígia é insistentemente lembrada de seu não pertencimento: aquele é um espaço reservado aos brancos. Não só palavras, mas o ato do estupro acontecido em pleno campus devolve a ela hostilidade e a barbárie da violação. “Seu corpo não é de vidro, mas quebra. O indesejado fica dentro, em cada estilhaço. Não há banho que tire, não há cirurgia que extirpe, não há navio que desterre” (id., p. 106).

Na obra, demarca-se o desejo de relacionar o passado de opressão a um presente segregado: “Alguém como ela, ou as outras mulheres do seu grupo, ou as minhas mais velhas, ou eu mesma, faz tempo que partiu daqui navegando, mas permanece no mesmo lugar. O navio delas é o meu” (id., p. 17). Entre navios que falam de antigos desterrados e embarcações que trazem consigo a ideia de luta e agenciamento coletivo, o romance tematiza os lugares ocupados pela mulher negra na sociedade brasileira.

O mesmo pode ser constatado em vozes talentosas dessa geração, como o escritor baiano Itamar Vieira Junior (1979), autor que também elege protagonistas que se insurgem contra a submissão imposta em um Brasil historicamente desigual. Trata-se do aclamado

Torto Arado (2019)², em que as irmãs e narradoras Bibiana e Belonísia, filhas de trabalhadores rurais descendentes de escravos em uma comunidade na Chapada da Diamantina, se defrontam com a opressão em torno da luta pela terra na Fazenda Água Negra, localidade em que se passa a narrativa.

O romance se funda sobre o episódio trágico em que as duas irmãs se cortam ao brincar com uma faca da avó. Uma delas terá a língua amputada e passará a ser representada, ao menos em parte, por meio da outra:

Foi assim que me tornei parte de Belonísia, da mesma forma que ela se tornou parte de mim. Foi assim que crescemos, aprendemos a roçar, observamos as rezas de nossos pais, cuidamos dos irmãos mais novos. Foi assim que vimos os anos passarem e nos sentimos quase siamesas ao dividir o mesmo órgão para produzir os sons que manifestavam o que precisássemos ser (Vieira Junior, 2019, p. 23-24).

Torto Arado é narrado pelas irmãs e também por uma entidade religiosa, Santa Rita Pescadeira, responsável pela terceira e última parte da narrativa. Nesse trecho, ela cavalga o corpo de Belonísia e de Bibiana e assassina o proprietário da fazenda, vingando não somente a morte de Severo, exterminado na disputa de terra, como um tempo de servidão e maus tratos, tanto no passado quanto no presente.

Belonísia era a fúria que havia cruzado o tempo. Era filha da gente forte que atravessou um oceano, que foi separada de sua terra, que deixou para trás sonhos e forjou no desterro uma vida nova e iluminada. Gente que atravessou tudo, suportando a crueldade que lhes foi imposta (id.p. 261)

Assim como nas duas narrativas anteriormente mencionadas, também se faz presente neste romance a quebra de um paradigma realista, por meio da presença de elementos sobrenaturais e acontecimentos ligados a tradições afro-brasileiras, como a entidade do jarê, vertente religiosa que sincretiza crenças de culturas negras, indígenas e portuguesas.

Nos três romances elencados, o oceano Atlântico surge como espaço atravessado

² *Torto Arado* foi traduzido para vinte e quatro línguas, feito notório em termos de presença da literatura brasileira contemporânea no exterior. O êxito editorial da obra também merece menção, uma vez que o romance vendeu mais de um milhão de exemplares no Brasil.

por sujeitos escravizados ou obrigados a migrar sem ter escolhido tal destino, um lugar de morte cuja viagem os aparta dramaticamente dos antepassados. No caso de *Por Cima do Mar e Torto Arado*, trata-se de um Atlântico negro, conforme a formulação do crítico Paul Gilroy, que chama a atenção para esse movimento pelo mar baseado na exploração e no imensurável lucro gerado pela escravidão.

Como afirma Conceição Evaristo, “É o navio negreiro, signo comum de ruptura, para os povos da diáspora africana, que marca o início da história dramática dos povos descendentes de africanos na América” (Evaristo, 2012, p. 160). A escritora, poeta e crítica mineira, em seus escritos, dá protagonismo às mulheres historicamente silenciadas, tendo formulado o conceito de escrevivência, surgido de uma prática literária cuja autoria é negra, feminina e pobre, e cujo sujeito da ação assume o seu fazer “não somente como um exercício isolado, mas atravessado por grupos, por uma coletividade”. (Evaristo, 2020, p. 38)

A viagem transatlântica dos ancestrais é também tema central de *Um Defeito de Cor* (2006), de Ana Maria Gonçalves (1970), obra que se coloca como paradigma³ de muitas narrativas de autoria feminina negra escritas nos últimos anos no Brasil, como *Água de Barrela* (2016), da escritora carioca Eliana Alves Cruz (1966). Neste romance, elementos biográficos e históricos se entrecruzam para percorrer oito gerações cujos laços foram rompidos pela escravidão, entre África e Brasil.

A trama se inicia com o centenário de Damiana, nascida em 1888. Após breve passagem que relata o aniversário da personagem, a voz narrativa situa o leitor a respeito de uma família em terras brasileiras, cujo ponto de partida é marcado ainda em solo africano, a partir de duas personagens deslocadas à força. A personagem Nunu, que padece de esquizofrenia, relata as histórias vividas por suas ancestrais, figuras de grande relevância na

³ Em recente levantamento do jornal *Folha de São Paulo*, *Um Defeito de Cor* ocupou a posição de livro mais votado por um júri de cem especialistas reunidos com o propósito de elencar os 25 livros mais importantes da literatura brasileira do século XXI. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2025/05/veja-os-melhores-livros-brasileiros-de-literatura-do-seculo-21-segundo-juri-convidado-pela-folha.shtml>. Acesso: 02/06/2025.

trama.

A narrativa traz como imagem central o ato de lavar, branquear e passar as roupas das patroas brancas por parte de mulheres negras de várias gerações, um trabalho doméstico que se perpetua de diversas formas na sociedade brasileira, tensionando os vínculos dessa visitação da intimidade. A utilização da água de barrela no processo de lavagem das roupas consistia no uso dessa solução alvejante, conforme explica a narradora:

Antigamente, lavar roupa era um longo processo artesanal. Primeiro se esfregava e batia-se bem; depois era colocar um pouco no molho da água de barrela, enxaguar mais e pôr no sol para quicar. Quando os panos secavam, entrava em ação o pesado ferro de engomar, que deslizava em cima do tecido com algumas gotas de água de cheiro. Vinco por vinco. Gola por gola. Pronto. Tudo limpo. Tudo perfumado. Tudo branco. (Cruz, 2018, p. 15)

Tudo branco. A expressão foge a qualquer neutralidade. O privilégio da cor sempre foi um elemento determinante nas letras brasileiras, que por muito tempo excluíram de seus quadros autoras e autores negros e indígenas, conforme se pode notar em nossa tradição literária.

A questão envolve delicada discussão no que concerne ao espaço destinado a essas vozes que, colocadas à margem na sociedade, finalmente encontram modos de expressão e circulação, trazendo consigo outras e necessárias pautas, como raça, identidade, gênero e orientação sexual. Tal conquista se faz notar no próprio mercado editorial, que vem modificando seus catálogos e aos poucos incorpora autores e autoras cujos escritos circulam em grandes editoras de perfil mais comercial e também em pequenas casas editoriais.

No entanto, o assunto ainda gera desconfortos no campo literário, em que a legitimidade dessas vozes por vezes é posta em questão, como no conhecido caso de Carolina Maria de Jesus (1914-1977), autora de *Quarto de Despejo - diário de uma favelada* (1960), texto de cunho autobiográfico em que narra passagens da dura vida na favela do Canindé como catadora de lixo, atividade que realiza com objetivo de alimentar seus três filhos. Poderia Carolina figurar no cânone nacional, consagrada entre nomes como Clarice Lispector, Guimarães Rosa e Machado de Assis? Sua escrita teria o mesmo valor? O tempo respondeu que sim.

Nesse território de disputas de narrativas, há quem manifeste reservas ao conceito de lugar de fala, expressando incômodo diante de uma literatura que estaria vinculada a certo didatismo, sem o devido empenho no gesto estético da escrita. Certo é que hoje seria impossível vislumbrar um panorama da prosa contemporânea sem a presença de autores como Geovani Martins (1981), que publicou o volume de contos *O Sol na Cabeça* (2018) e o romance *Via Ápia* (2022). Em seus escritos, o escritor carioca também retrata a realidade pelo ponto de vista periférico, em tramas cujas personagens marginalizadas transitam pela urbe. Uma literatura da cidade de forte inspiração autobiográfica, à semelhança de um de seus modelos literários, o romance *Cidade de Deus* (1997), do carioca Paulo Lins⁴ (1958), caracterizado por uma estética documental e memorialista, bem como o diálogo com a narrativa urbana e brutalista presente na obra do mineiro Rubem Fonseca (1932-2022), matriz de toda uma geração de escritores e escritoras.

A respeito da presença da brutalidade, é pertinente considerar a declaração de Jorge Augusto (1982), autor de *O Mapa de Casa* (2023). O poeta e professor lembra que Salvador, capital baiana em que vive, é a cidade mais negra do mundo fora da África e também o lugar em que mais se matam pessoas negras no Brasil. Sobre tal evidência, indaga como elaborar tal fato esteticamente, considerando a importância de se pensar o território como lugar propositivo de diálogo. E conclui: “Achar o meio termo entre a forma estética e o discurso é o desafio da literatura contemporânea”.

Muitos de nossos escritores e escritoras encaram essa dificuldade e equilibram seus textos entre o compromisso ético de narrar e a preocupação com a elaboração da linguagem, como se percebe na obra do poeta, ensaísta e professor mineiro Edimilson de Almeida Pereira (1963). Seu romance *O Ausente* (2020) acompanha a história de Inocência, homem predestinado à missão de curar as pessoas em meio a um cenário rural. Ele deve tomar uma

⁴ O texto “Crônica marginal”, da crítica Heloísa Buarque de Hollanda (que posteriormente passou a assinar como Heloísa Teixeira) chamava a atenção, no início dos anos 2000, para o impacto da nova literatura marginal daquele momento, pensando o texto de Paulo Lins e o trabalho do escritor e líder cultural paulista Ferréz (1975) como uma nova forma de fazer e experimentar a política.

decisão e repassa a vida no intervalo de poucas horas, entre a noite e a manhã. Dono de uma prosa poética que transita entre o sagrado e o profano, Inocêncio narra seu embate com essa língua que tem a capacidade de trazer alívio, e também dor:

Sobre a pele que me deu orgulho o tempo desenhou uma geografia de sofrimentos e curas: cada risco é um nicho, uma casa pequena, um sobrado, uma curva de estrada, um riacho, uma cova, um sino, uma sereia – meus amores desarmados – minhas armas. Não reconheço ninguém nessa geografia, porque é preciso esquecer o bem que se faz. Já o mal é uma biblioteca escura, que se deve contornar” (Pereira, 2020, p. 107)

Novos atores, novas demandas

Agraciado com o Camões de 2022, o mais importante prêmio literário da língua portuguesa, o crítico Silviano Santiago (1936) proferiu um discurso⁵ na cerimônia de premiação em que destacou a presença de “abalos sísmicos” que serão duradouros na literatura do presente. O escritor e ensaísta mineiro se referiu aos novos e bem-vindos protagonistas dessa cena literária e afirmou ser chegado o momento de “liberar a literatura brasileira às águas amazônicas e às atlânticas africanas e a todas as correntes diaspóricas”:

As naves multiétnicas não ancoraram em Porto Seguro. Mas agora trafegam em liberdade pelas águas democráticas e cidadãs da década que se abriu em janeiro de 2022. Suas tripulações amazônicas, atlânticas e mediterrâneas, só recebiam permissão para trafegar como cidadãs plenas se sob o comando dos dedicados etnógrafos (nacionais e estrangeiros), ou se sob a bandeira menor e suplementar de acervo folclórico ou de literatura oral brasileira.

A fala do crítico pode servir como desfecho para o levantamento que realizei de uma certa literatura brasileira do presente, em que “novas, mais abrangentes e mais esperançosas experiências artísticas” trafegam com maior liberdade. A seleção apresentada neste percurso certamente integra as naves multiétnicas citadas por Santiago: nestas embarcações estão presentes Pagus, Lígias Vitalinas, Macabéas, Iñe-es, Bibianas, Belonísias, Nunus, Melinas,

⁵ A íntegra do discurso, proferido na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, em 14 de novembro de 2023: <https://blogbvps.com/2023/11/15/bvps-reportagem-silviano-santiago-dedica-premio-camoes-a-mario-de-andrade-meu-mestre/#>. Acesso em 16 de maio de 2025.

Martins, Leonardos, Inocências, homens e mulheres de papel, carne e osso. O tempo dirá o destino dessas narrativas, um porvir incerto, mas engendrado pelos leitores e leitoras que, no corpo a corpo com a palavra, atualizam os sentidos desses textos. Tal conjunto forma um cenário mais aberto a outras vozes e saberes, configurando uma língua brasileira plural e descentrada, em que esses sujeitos nos contam variadas histórias.

REFERÊNCIAS

- ALMINO, João. *Homem de papel*. Rio de Janeiro: Record, 2022.
- ARRAES, Jarid. *Corpo desfeito*. São Paulo: Alfabeta, 2022.
- ARMONY, Adriana. *Pagu no metrô*. São Paulo: Nós, 2022.
- CARRASCOZA, João Anzanello. *Tramas de meninos*. São Paulo: Alfabeta, 2021.
- CIXOUS, Hélène. *O riso da medusa*. Tradução de Natália Guerrelus e Raísa França Bastos. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.
- CHIARELLI, Stefânia; DEALTRY, Giovanna; VIDAL, Paloma (Orgs.). *O futuro pelo retrovisor: ensaios sobre literatura brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.
- CRUZ, Eliana Alves. *Água de barrela*. Rio de Janeiro: Malê, 2016.
- DORNELLAS, Deborah. *Por cima do mar*. São Paulo: Patuá, 2018.
- EVARISTO, Conceição. “África: âncora dos navios de nossa memória”. *Via Atlântica*, São Paulo, n. 22, p. 159-165, dez. 2012.
- EVARISTO, Conceição. “A Escrivência e seus subtextos”. In: DUARTE, Constância, NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). *Escrivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.
- GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Editora 34, 2001.
- HATOUM, Milton. *A noite da espera*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- HATOUM, Milton. *Pontos de fuga*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- HOLLANDA, Heloísa B. “Crônica marginal”. In: RESENDE, Beatriz, FINAZZI-AGRÒ, Ettore (Orgs.) *Possibilidades da nova escrita literária no Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 2014, p 25-38.
- JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2021.
- LAGE, Cláudia. *O corpo interminável*. Rio de Janeiro: Record, 2019.

- LEITE, Tito. *Dilúvio das almas*. São Paulo: Todavia, 2022.
- LINS, Paulo. *Cidade de Deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- LISBOA, Adriana. Escrever no Brasil depois de Clarice Lispector: armadilhas ficcionais. *Journal of Iberian and Latin American Studies*, v. 14, p. 141-145, 2008.
- LISBOA, Adriana. *Todo o tempo que existe*. Belo Horizonte: Relicário, 2021.
- PEREIRA, Edimilson de Almeida. *O ausente*. Belo Horizonte: Relicário, 2021.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- MAGRI, Ieda. *Uma exposição*. Belo Horizonte: Relicário, 2022.
- MARTINS, Geovani. *O sol na cabeça*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- MARTINS, Geovani. *Via Ápia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- TIMERMAN, Natalia. *As pequenas chances*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.
- VERUNSCHK, Micheliny. *O som do rugido da onça*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- VIERA JUNIOR, Itamar. *Torto arado*. São Paulo: Todavia, 2019.

Stefania Chiarelli é doutora em Estudos de Literatura pela PUC-Rio (2005) e professora associada de Literatura Brasileira na Universidade Federal Fluminense. Realizou estágio pós-doutoral na Sapienza Universidade de Roma (2019-2020) e publicou os ensaios *O cavaleiro inexistente de Italo Calvino: uma alegoria contemporânea* (EDUCS, 1999) e *Vidas em trânsito: as ficções de Samuel Rawet e Milton Hatoum* (Annablume, 2007) e coorganizou diversas coletâneas sobre literatura brasileira contemporânea, dentre elas *Falando com Estranhos - o estrangeiro e a literatura brasileira* (7Letras, 2016). Suas publicações mais recentes são *Partilhar a Língua - leituras do contemporâneo* (7Letras, 2022), *Histórias de Água: o imaginário marítimo em narrativas brasileiras, portuguesas e africanas* (Peter Lang, 2023), organizada com Kathrin Saringen (Universidade de Viena) e *Epigramas Críticos* (Pangeia/Eduff, 2025). Como crítica literária, tem contribuições para os jornais *O Globo*, *Estado de Minas*, *Folha de São Paulo*, *Rascunho* e a revista *piauí*.
Email: stefaniachiarelli@id.uff.br

Artigo recebido em 07/06/2025. Aprovado em 10/06/2025.